



O QUE DIZER SOBRE A RÚSSIA

A sociedade ocidental, crente que é a única certa em suas condutas e destruições de um mundo onde deveriam prevalecer a colaboração e desta forma não anunciar aos quatro ventos que a única forma correta de pensamento é a ocidental e que o oriente é descrente.

Começa-se por tratar a Rússia não como uma nação européia e nem como uma nação asiática, haja visto que mesmo se estendendo pelos dois continentes mas com uma cultura muito diferente tanto de Europa como da Ásia; sua cultura é impar, incrível e inacreditavelmente apaixonante. Assim como a água de seu escudo que olha tanto para o ocidente quanto para o oriente por onde se estendem seus gramados; verdes no verão e brancos no inverno.

A Rússia tão detestada por tantas nações salvou o mundo do julgo mongol, da cobiça francesa de Napoleão e da exterminação pela Alemanha nazista, além de colocar o novo império capitalista norte-americano em seu lugar.

A Rússia vista por mais da metade dos seres humanos como cruel é a nação que abriu os braços na cruz e salvou o resto da humanidade do extermínio culminando com 25 milhões de mortos ou exterminados pela Alemanha e os demais países europeus que se uniram com medo dos nazistas. Isto representa 4 vezes o total de mortos na Europa inteira e praticamente 6 vezes o total da Alemanha, o grande agressor.

Onde estavam os “policiais do mundo”, onde estavam aqueles que se diziam aliados da URSS, onde estavam aqueles que se dizem que venceram a II Guerra Mundial (que na Rússia é chamada a Grande Guerra Patriótica, pela enormidade da catástrofe que representou e representa até hoje), provavelmente eles estavam entregando alimentos em alguma parte de um mundo que não estava em guerra, se escondendo de morteiros, ou disparos do inimigo. Estavam em alguma praia aguardando o famoso dia “D” que só foi “D” para os norte-americanos, pois para a URSS foi “a”, “b”, “c”... e todas as letras do alfabeto. Talvez também estivessem esperando um inimigo manco adormecer para em suas cabeças derrubar uma bomba.

Sabemos que hoje, mais da metade da população da Europa e quase 80% da população norte-americana acredita que os “policiais do mundo” foram os vencedores desta guerra. Santa ignorância, é apenas o que podemos supor deste povo. Quantas cidades foram destroçadas, queimadas, crivadas de balas, varridas do mapa e ressurgiram numa URSS totalmente devastada, onde cidadãos de Leningrado ficaram 900 dias sem acesso a comida e se alimentando dos restos encontrados no cemitério local. Onde estavam aqueles que se dizem trazer a paz ao mundo? Onde estavam aqueles que acreditam podem comprar tudo neste mundo?



A “temida” Rússia sobreviveu a inúmeros ataques durante sua majestosa história e assim continuará, mesmo que quebrada se ergue, ressurge e sempre grande como seu território. Qual outra nação ressarcir invasores de tantas etnias e se manteve grande? Qual povo encontrou forças em seu semelhante e lutou contra a conquista psicológica do ocidente?

Vão me dizer os cétricos que o Japão também sofreu desta forma. Ignorância, posso dizer, novamente. O Japão assim como a Europa em si (e isto traz imensa desilusão para mim) é um canteiro dos “policiais do mundo” e morrem de medo de uma Rússia culta, digna de seu tamanho.

Uma Rússia que deu tanta esperança aos demais povos deste mundo, deu esperança e certeza de poder subir ao espaço, conquistar novos mundos, que deu tanta certeza de que a união de um povo pode superar qualquer invasão inimiga.

E qual outra grande nação deste mundo convive com o extremo do frio e calor em suas fronteiras, qual outra nação deste mundo possui tanta riqueza numa história que beira 41 mil anos (conforme restos descobertos do hominídeo de Denisova no sul da Sibéria).

Qual outra grande nação traz um equilíbrio de paz ao restante do mundo, sem ter qualquer base militar fora de suas fronteiras? Ou então exército espalhados por fronteiras desconhecidas? Ou então comprando políticos ao redor do mundo?

A Rússia está dentro de suas históricas fronteiras, mesmo que digam que a Criméia ou Sevastopol fora invadido (uma ova!) são territórios históricos russos e assim vão permanecer.

A Rússia não se ajoelha a nenhum outro estado soberano como fazem dezenas de outros mundo afora. A Rússia mantém sua cultura e legado de uma história rica através das eras e das sanções à ela impostas.

O que dizer de uma nação gigante que lhe proporciona a bondade do acolhimento, o carinho do abraço e a saudade da despedida? O que dizer de uma nação que lhe deixa imortalizado nas paredes da escola onde seu filho estudou? O que dizer então? O que dizer de estar imortalizado no jornal da cidade? O que dizer de uma nação que lhe acolhe de braços abertos em suas casas, em suas escolas, em seus ônibus, metrô, comboios, aviões, em seus museus, em seus shoppings, em suas famílias, em seus hotéis, que janta contigo, que canta e bebe contigo, que lhe oferta comida em suas mesas? O que dizer de uma nação que abre as portas da escola para sua família, que lhe mostra num dia inteiro de seu cotidiano? O que dizer de uma nação que proporciona momentos nunca antes imaginados por seu filho, como fica evidente em carta a seguir?

Pergunto novamente: O que dizer?



IGOR EM TERRAS RUSSAS

IGOR

Sim, meu nome neste mundo tão pequeno: Agora.

Mas que eu achava que era tão grande, imenso para falar a verdade. Até descobrir que existiam tantas coisas além da esquina de minha casa. Tantas coisas boas, tantas coisas espetaculares, tantas coisas que podem ser úteis para nosso crescimento sabendo aproveitá-las, tantas coisas. Sim, posso repetir isto incontáveis vezes aqui e mesmo assim não conseguirei falar tudo sobre o que representa viver um ano em outro país.

Foi uma dádiva viver na grande Rússia por quase um ano inteiro. Sei que muitas pessoas e isto é normal não queriam que eu fosse. Para falar a verdade, praticamente ninguém me apoiou nesta jornada, mas isto também teve seu valor e foi importante para mostrar que podemos superar muitas dificuldades em nossa vida.

Obrigado também para aqueles que não acreditavam que isto seria uma experiência espetacular ou que eu não conseguiria.

Passei um ano longe, muito longe mesmo de onde nasci. Numa outra terra, numa outra cultura, outro povo, outros costumes, outro clima. Outro tudo, até mesmo outra forma de encarar o mundo, muito mais humana do que a que estamos acostumados aqui nesta terra dominada pela cultura consumista.

O que senti quando cheguei não posso explicar apenas indo lá e chegando naqueles aeroportos para se saber. Aquele choque tão incrível.



Mais incrível ainda foi saber que em minha cidade especial, Votkinsky, fui o único brasileiro até então a pisar seu solo, a caminhar por aquelas ruas, estudar em sua escola, navegar naquele imenso lago, entrar em seus museus e teatros, comprar comida e bebida em seus mercados e a assistir filmes em seus shoppings e cinemas, além de patinar, correr por suas montanhas de neves e florestas, abraçar seus filhos e seus animais, arrancar flores e a sentir seu perfume.

Sofri e amei naquela terra encravada entre Moscou, a grande capital e os Montes Urais, divisa física da Europa e outro mundo, a Ásia, terra de mistérios e lendas.

Fiz muitos amigos, desta terra como de todas as partes do mundo que lá estavam.

Eu estive lá e isto jamais será apagado.

Quando minha família foi me visitar naquele final de inverno de 2016, as ruas estavam sujas, as árvores ainda nuas e o frio ainda era cortante, mas o calor de sua chegada e o amor das pessoas de minha escola e de todos aqueles que me conheciam tornaram os poucos dias especiais e marcou para sempre as nossas memórias, afinal foram astros na escola onde estudei, no jornal da cidade e ainda o Lyceum Votkinsky mantém em seu mural uma foto deste encontro.

E então eles retornaram para casa, não sem antes deixarem lágrimas nesta terra. Fiquei por aqui, mas pouco tempo faltava até que meu retorno também chegasse. Nos dias seguintes à sua partida inúmeras pessoas me perguntavam “e sua família como está”, ou então diziam “sua família é muito legal”. – Que bom.

E os dias transcorreram então normalmente e chegou o fim desta experiência. Que pena. Minha família Zolotov me levou então



até Izhevsky onde tomaria o comboio para Moscou e de lá o avião de volta para casa.

Quando saí percebi que parte de meu coração estava ficando para trás e então soube realmente que o “adeus” é extremamente difícil.

Mas não tinha o que fazer era o momento de meu retorno aos braços de meus pais naturais. Mas sabia que agora tinha dois verdadeiros lares e que talvez retornasse a pisar neste solo tão imenso.

Agradeço a meu pai, à minha mãe, à minha irmãzinha Raissa e a todos os outros de minha família que apostaram em mim.

Igor Sant’ana Veroneze

(texto publicado no www.grupobaikal.com.br em 09-04-2017)

Então o que dizer de uma nação que lhe torna único?

E ainda o que dizer de uma nação que valoriza (e muito) o professor como profissional e que a cada início de ano letivo ganha flores de seus alunos?

O que dizer ocidentais?

A Rússia sempre se permanecerá Rússia e é “uma charada, embrulhada num mistério, dentro de um enigma”.

Walter Veroneze

13-04-2017